



2021 | Volume 1 | Número 1

## A IMAGEM DE MODERNIDADE NA POÉTICA DE SOUSÂNDRADE E BAUDELAIRE

Agnaeldo Áquila Viana dos Santos  
agnaeldo88@yahoo.com

Graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão/ Pesquisador/Professor de História na SEMED, em Itapecuru-Mirim, professor-formador no NUEBHI. Membro do grupo de pesquisa GEPI/UFMA Jean-Jacques Rousseau. CV: <http://lattes.cnpq.br/0514538750421069>. Whatsapp: 98982292632.

Claudiana Lopes Lima dos Santos  
claudianalopes4@gmail.com

Graduada em Bacharel em Teologia. Graduando em Pedagogia pela Universidade Leonardo da Vinci. CV: <http://lattes.cnpq.br/4358196653975320>. Whatsapp: 98989076788.

### RESUMO

Investigar a relação das obras de dois poetas de períodos diferentes pode revelar-se uma árdua tarefa, portanto, dois caminhos de leituras foram tomados. O primeiro deles procurou trazer à tona o debate acerca da modernidade trabalhada entre os dois poetas. O segundo buscou analisar as sociedades de ambos a partir da cultura. O objetivo geral da pesquisa é investigar nas obras em questão a relação das cidades com a modernidade vistas na ótica poética de cada autor. Destacando assim, nas obras, o diagnóstico que ambos formulam sobre a sociedade moderna e como esta se fez por meio de um império das aparências, uma falsa idéia de que a sociedade alicerçada na razão levaria o homem ao progresso. A justificativa para esta pesquisa consiste na relevância de dois temas: a cidade sonhada e a cidade real movida pelo sistema capitalista. A metodologia empregada é de caráter bibliográfico e qualitativo.

**Palavras-chaves:** Modernidade. Cultura. Progresso. Sistema Capitalista.

### RÉSUMÉ

*Enquêter sur la relation entre les œuvres de deux poètes d'époques différentes peut s'avérer une tâche ardue, deux chemins de lecture ont été empruntés. Le premier d'entre eux a cherché à mettre en lumière le discours, la modernité travaillée entre les deux poètes. La seconde cherchait à analyser les sociétés des deux du point de vue de la culture. L'objectif général de la recherche est d'explorer dans les œuvres en question la relation entre les villes et la modernité vue du point de vue poétique de chacun. Ainsi, en mettant en évidence, dans les œuvres, le diagnostic que les deux formulent sur la société moderne et comment elle s'est faite à travers un empire des apparences, une fausse idée qu'une société fondée sur la raison conduirait l'homme au progrès. La justification de cette recherche réside essentiellement dans la pertinence de deux thèmes: la ville rêvée et la ville réelle mue par le système capitaliste. La méthodologie utilisée est bibliographique et qualitative.*

**Mots clés:** *La modernité. Culture. Le progrès. Système capitaliste.*

## 1. INTRODUÇÃO

A poética de Joaquim de Sousândrade e Charles Baudelaire no contexto do século XIX apresenta duas visões da modernidade e isso tipifica algo: a modernidade não é, ou foi, um fenômeno típico de uma sociedade. A partir da leitura e análise dos textos desses autores é possível enxergar diferenças signitivaticas. Por isso, o objetivo geral deste trabalho é investigar nessas obras a relação das cidades com a modernidade vistas na ótica de cada um, desse modo, buscaremos apresentar as idiossincrasias que cada um ao expressar nas suas obras pôde imprimir sensações da sua vida no contexto da urbe.

Para delinear a pesquisa, percorremos dois caminhos. O primeiro dele procurou trazer à tona a ideia ambivalente que foi a modernidade nos dois poetas. O segundo buscou analisar as sociedades de ambos a partir da cultura capitalista. Para isso, analisamos em algumas obras de Sousândrade a ideia de progresso e em Baudelaire a desapropriação do eu frente ao consumismo exacerbado, na sua obra *Les Fleus du Mal*. Nessa análise, três aspectos serão investigados: a cidade como culto ao progresso, o *flâneur* como o observador da vida moderna tanto na obra de Sousândrade como na de Baudelaire e, por fim, o conceito de modernidade na poética de ambos no desenserolar das suas vidas em suas respectivas cidades.

Por fim, destacaremos as ideias de *flâneur* e *flânerie* na poética dos dois, destacando através de teóricos a visão das cidades dos dois poetas.

## 2. A MODERNIDADE

Há uma grande diferença na modernidade sonhada por Sousândrade e por Baudelaire, mas em que consistia essa diferença? No século XIX, a Europa, passava por grandes transformações nas mentalidades e nos mecanismos modernizantes, que a elite maranhense tomava conhecimento por intermédio de seus filhos que iam estudar nas preeminentes universidades da Europa.

Quando retornavam traziam essa ideias, que adaptavam ao modelo brasileiro e eram incorporadas no convívio social e político, conforme atesta Bauman sobre a tensão existente entre a história da modernidade e o mundo social;

A história da modernidade é uma história de tensão entre a existência social e cultural. A existência moderna força sua cultura à posição a si mesma. Essa desamormina é precisamente a harmonia de que a modernidade precisa. A história da modernidade deriva seu dinamismo excepcional e sem precedentes da velocidade com que como nada mais pálidos e imperfeitos reflexos dos seus *foci imaginarii*. Pela mesma razão, pode se vista como a história do progresso, como a história natural da humanidade (BAUMAN, 1999, p. 17).

Na cidade de São Luís, a elite<sup>1</sup> tentava se adequar aos modelos de modernidade de que se viam na Europa, e por isso inúmeros códigos de postura foram impostos à

<sup>1</sup> Elite no Brasil esta relacionada elite financeira, diferente do século XVIII na Europa, que são os intelectuais.

sociedade com o objetivo de alinhar os membros da sociedade ao padrão de modernidade europeu. Nesse período, a economia do Maranhão era agrário-exportadora, ainda muito debilitada, e esperançosa em crise. Segundo Castro (2013, p. 135-138), foram dois os momentos dos quais o Maranhão se beneficiou com crises externas: “A saída dos Estados Unidos do comércio do algodão durante a Guerra da Independência (1775-1783)”<sup>2</sup>; e a crise com a Inglaterra em 1870.

Para Joaquim de Sousa Andrada a modernidade deveria ser vista por todos os ângulos, se a estrutura da nação estiver em consonância com a dinâmica de mercado e com a adequação das normas civilizatórias<sup>2</sup>, e da modernização do cenário urbano, criaria os alicerces para uma economia forte.

A modernidade é o que é – uma obsessiva marcha adiante – não porque sempre queira mais, mas porque nunca consegue o bastante; não porque se torne mais ambiciosa e aventureira, porque suas aventuras são mais amargas e suas ambições frustradas. A marcha deve seguir adiante porque qualquer ponto de chegada não passa de uma estação temporária. Nenhum lugar é privilegiado, nenhum melhor do que outro, como também a partir de nenhum lugar o horizonte é mais próximo do que de qualquer outro. É por isso que a agitação e a perturbação são vividas como uma marcha em frente; é por isso, reverso e a inquietude de uma direção: trata-se de resíduos de combustíveis queimados e fuligem de chamas extintas que marcam as trajetórias do progresso (BAUMAN, 1999, p.18).

O desejo de modernidade alimentado por Sousa Andrada, naquele Maranhão oitocentista era por si só desastroso, pois levando-se em consideração que houve poucos acontecimentos de desenvolvimento econômico no aparelho institucional, então parece estranho fazer uma relação com a economia francesa? No primeiro momento podemos afirmar, que não, como sendo a modernidade o desejo de rompimento com o passado, e esse passado só rompe com revoluções ou pequenos acontecimentos, e é desta maneira que a obra do poeta maranhense se encaixa na poética de Baudelaire, a que seria esse desejo de mudança.

Para Baudelaire (1996, p.26), “[...] a modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a outra metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”.

Quando se trabalha com o tempo e espaço sempre existe o desligamento de um momento histórico - como cita Zygmund Bauman no seu livro *Modernidade e Ambivalência* - que o historiador classifica, separa, segrega seu objeto. Pensar o Maranhão da segunda metade do século XIX sem levar em consideração alguns pontos, sobre os séculos XVII, XVIII, XIX, seria restringer a própria história do Maranhão.

Apesar do mito da fundação pelos franceses<sup>3</sup>, a configuração urbana da cidade de São Luís foi moldada a partir da estrutura das nações ibéricas, isto é, com o for-

<sup>2</sup> ELIAS (1994).

<sup>3</sup> Lacroix (2008).

mado ortogonal, com os movimentos políticos no Brasil<sup>4</sup>, a cidade de São Luís ganha outra imagem, ou deseja ter essa imagem, o que é possível perceber por intermédio de inúmeros decretos e leis que regulavam a postura do homem branco, e, principalmente, do escravo, no convívio cidadão.

Quando o primeiro Código de Postura foi promulgado, em 1842, a zona urbana comportava algo em torno de 33 mil habitantes (SILVA, 2006). Os poucos 113 artigos postos no código eram reflexo dessa concentração populacional que, embora incipiente, já necessitava regularizar as práticas cotidianas de forma mais contundentes. Os assuntos foram enumerados de forma aleatórias, sem aglutinar as matérias. O código tratava basicamente das atividades relacionadas ao comércio, salubridade e espaço público, como construções, comportamentos, trânsitos e segurança. As questões de mobilidade diziam respeito essencialmente ao deslocamento de pedestre – como várias tentativas de regularizar o que impedisse o livre trânsito nas calçadas – e veículos puxados a tração animal. (ALCANTARA JR; SEALBACH, 2009, p.27).

Esses códigos de posturas<sup>5</sup>, além de conter o tráfico de pessoas nas ruas de São Luís, tinham também a intenção de barrar as construções que estivessem fora de um padrão arquitetônico traçado pela província do Maranhão. O objetivo principal dessas medidas era criar um *status* de moderno. No período da implantação da República deu-se ênfase ao projeto modernizante, principalmente da urbe e dos indivíduos que a ela disponibilizavam, porém havia uma hierarquização do espaço público.

Com o “apagar das luzes” do império um profundo sentimento de aversão ao passado começou a fazer parte do imaginário dos novos cidadãos brasileiros. Buscava-se de todos os meios desligar-se deste passado, que era visto como retrógrado e atrasado. Os resquícios deviam ser apagados, e tudo o que depreciasse a imagem da “nova” nação em encarada como algo extremamente hostil (NASCIMENTO; MONTE, 2009, p. 195).

A modernidade em Sousândrade é refletida no espelho dual do homem civilizador, porém, mesmo sendo oriundo de uma família aristocrática, teve como critério de cultura não o francês, mas o alemão, que não conjugava a ideia de civilização e cultura em uma mesma dimensão. Nesse sentido, a civilização, enquanto critério, não ocorrerá por etapas, e por isso o ser social, poderia ser civilizado, segundo o poeta.

Para Chartier (2010, p 35) a cultura seria “um padrão de significados transmitidos historicamente” que se apresentam pela linguagem, símbolos próprios de uma comunidade. Essa tentativa de Sousândrade de inserir o ex-escravo na cidadania, com direitos sociais era um caminho que deveria ser percorrido<sup>6</sup> para enquadrá-los, naquilo que Sousândrade pensou como cultura.

4 Vinda da família real portuguesa, em 1808, abertura dos portos e posteriormente a independência política de Portugal, inicia em São Luís a vontade de ser civilizado e daí emerge os códigos de posturas.

5 Foram cinco (Ibidem).

6 No período que foi presidente da Intendência de São Luís, ele criou escolas de primeiras letras para os negros.

Para Baudelaire, a modernidade - ou *la modernité* - se constitui uma arma contra a mimese acadêmica do Romantismo e contra a própria modernidade, que transforma o homem em mercadoria, alienando-o a uma posição de um devorador de produtos. O que em Baudelaire se conjuga na assertiva da inadequação do conhecimento da razão.

É difícil separar Nietzsche<sup>7</sup> de Baudelaire, sua poética está escamoteada dessa filosofia niilista, em que a própria idéia de progresso, cultural e científico, é encarada como uma fera que está para devorar o homem em sua plenitude racional. A modernidade para o parisiense não se constitui de cima para baixo, mas de baixo para as laterais, conforme atesta Gilda Szklo sobre a noção de progresso:

A crítica à noção de progresso, em Baudelaire, é tomada sob a ótica da história dos vencidos; história essa que entra em ligações fantásticas com o mito. Assim é a descrição do “cortejo infernal”, “Os setes hediondos monstros”, que tinham “o ar eterno”, perdidos no deserto das grandes cidades (SZKLO, 1995, p.37).

Essa noção - a da iluminação dos excluídos - é a história vista de baixo numa antípoda da modernidade nos dois autores. As tentativas de romper esse passado fazem deles modernos, no sentido de rompimento com aquilo que lhes parece incômodo, as ruas estreitas, os bueiros entupidos e da pouca ventilação, tudo isso cria uma imagem sufocante.

Outra questão que não se constitui apenas na linguagem poética, mas no entrelaçar da sociedade. Quando se comenta que Baudelaire não tem em sua poética caráter político, não se está desqualificando-o como homem social, visto que segundo Aristóteles em seu livro *A Política*<sup>8</sup>, todo homem é político. Nesse sentido, se Baudelaire vive na sociedade, logo, ele é político, mas não age a partir de uma visão política partidária.

Partindo de uma força criativa em Baudelaire a imagem de modernidade na sua poética está envolta em um cenário de tensão, entre os dominados e os dominantes, e essa relação se apresenta pela alienação do homem pelo homem. Esse pragmatismo em Baudelaire tem como consequência o não agir por moralidade, em termos kantianos, seria o agir visando o bem comum, mas neste caso, seria a não aceitação de uma moral imposta.

### 3. JOAQUIM DE SOUSA ANDRADE: SOUSÂNDRADE

Joaquim de Sousa Andrade, que depois aglutinaria seus apelidos de família para Sousândrade, nasceu na fazenda Nossa Senhora da Vitória, próxima ao rio Pe-

<sup>7</sup> Não confundir o *flâneur* com o *ubermensch* para Nietzsche este homem, o homem transcende, não encontra seu bem em lugar nenhum do mundo social histórico. Ele não encontra nenhum bem objetivo com autoridade sobre ele no mundo social histórico porque é vazio de qualquer relação pessoal e atividade social. O *Ubermensch*, o cerne da filosofia moral nietzschiana, está calcada num solipsismo moral, numa visão do *super-homem* faz com que só possa fundar autoridade moral auto-suficiente, recusando qualquer heteronomia, num processo de auto-absorção. Desse modo a relação de Nietzsche com Baudelaire esta na critica ao conceito de moral fundado no iluminismo.

<sup>8</sup> Aristóteles (2007).

ricumã, na época pertencente ao município de Guimarães (lugar hoje integrante do município de Mirinzal), Estado do Maranhão, no 9 dia do mês de julho no ano de 1832, e faleceu em São Luís, no 21 dia de abril do ano de 1902. Eram seus pais, José Joaquim de Sousa Andrade<sup>9</sup> e Maria Bárbara Cardoso, abastados fazendeiros que pertenciam a chamada nobreza rural alcantareense, porém muito cedo, o poeta, ficou órfão de pai e mãe.

Durante os anos de 1861 a 1871<sup>10</sup> Sousândrade esteve casado e residiu em uma mansão senhorial à margem do rio Anil, que, em memória do pai, chamou Quinta Vitória. Nesse período, o poeta maranhense produziu uma vasta obra, publicou poemas, participou de uma intensa vida literária e boêmia.

Em 1871 deixa São Luís com destino aos Estados Unidos, onde vai acompanhar a educação de sua filha Mária Barbara. A 6 de maio daquele ano pai e filha embarcam em Belém do Pará, no vapor *North American*, chegando a Nova York a 19 do mês mesmo. Residiu no bairro de *Manhattanville*, sob os constantes cuidados de seu pai, que morava em dependência de casa familiar próximo ao colégio (WILLIAMS, 2003, p.482).

O período em que Sousândrade permaneceu nos Estados Unidos foi importante para o entendimento do modelo republicano e do capitalismo industrial e financeiro. Depois de 7 anos pôde fazer um apanhado do sistema monárquico em relação a República para o Brasil.

Depois de sete anos em Nova York, Sousândrade e a filha retornaram ao Brasil através da América do Sul, provavelmente de Vapor até o canal de Paraná, e de trem através do estreito (o canal data de 1908). Segundo Carlos Torres, a viagem se deve 1878, e após deixar a filha Maria Barbara, agora com 14 anos, em São Luís, o poeta teria retornado a Nova York e mais uma vez a Europa. Chegando ao Brasil, provavelmente 1885, Sousândrade passou a acompanhar de perto os eventos políticos: em 1888, a abolição da Escravatura, e em 1889, a tão esperada Proclamação da República, que glorificou em seu poema *Novo Éden* (1893) (LOBO, 2005, p.40).

Após a proclamação da República, o poeta maranhense repartiu suas terras de Codó e Cururupu entre seus escravos (agora homens livres, 1888). Esse idealismo republicano de Sousândrade como também a boêmia, a vida mansa de *bon vivant* contribuíram para que a sua esposa<sup>11</sup> entrasse na justiça familiar exigindo o embargo da fortuna pessoal em detrimento da sua filha.

[...] sua mulher e suas duas filhas<sup>12</sup>, Maria Bárbara e Vana, esta ilegítima, abandonaram a Quinta Vitória e se mudaram para um sobrado na cidade. Viveram nos andares superiores, enquanto no inferior instalaram o colégio

9 O nome do pai de Sousândrade aparece com variações, a saber: José Joaquim Pereira d'Andrade, na certidão de casamento; José Joaquim Pereira de Sousa, na certidão de batismo de Ana, irmã do poeta; Jose Joaquim Pereira d'Andrade, na certidão de óbito do poeta.

10 Sousândrade teve duas filhas sendo que uma era ilegítima aos olhos da sociedade. Lembrando que o poeta era filho legítimo do Patriacalismo em sua sociedade. O poema *Harpas de Ouro* têm várias alusões ao papel da mulher na sociedade.

11 Dona Maria de Almeida e Silva.

12 Sousândrade teve duas filhas sendo que uma era ilegítima aos olhos da sociedade. Lembrando que o poeta era filho legítimo do Patricialismo em sua sociedade. O poema *Harpas de Ouro* tem várias alusões ao papel da mulher na sociedade.

industrial, em modes norte-americanos. Era um dos primeiros colégios mistos do Brasil, e foi nele que Maria Bárbara introduziu, em São Luís, a festa de papai Noel. Dali por diante cessou qualquer comunicação entre a Quinta Vitória e a casa da cidade, onde as três mulheres permaneceram, nos moldes do “*conseil de familie*”<sup>13</sup> (WILLIAMS, 2003, p.246).

Depois de viver por 62 anos da herança paterna e das rendas da esposa, chegou à pobreza. Segundo Lobo (2005), em 21 de junho de 1894, o escritor firmou contrato com o Governo do Estado do Maranhão para lecionar grego no Liceu Maranhense.

[...] Sozinho na ampla Quinta vitória, Sousândrade se tornou um personagem lendário da cidade, que já chegara ao fim de sua fase de “Atenas Brasileira”. O cultivo de arroz e do Algodão havia entrado em declínio no Estado, devido à abolição da escravatura e do aumento do preço da mão-de-obra. Com a República, o poder se concentrou ainda mais na capital Federal; e com o advento da era industrial, São Luís nada tinha a oferecer. O poeta é lembrado como o velhinho caminhando constantemente pela cidade, enrolado num xale, enquanto moleques lhe atiram pedras. Viu-se reduzido à penúria, exceto por algumas casas que ainda tinha alugado. Quando um velho amigo lhe perguntou como ia passado, respondeu, com um sorriso esmaecido nos lábios: “Estou comendo as pedras da “Vitória”, o que era verdade, pois para sobreviver, vendia as pedras dos muros da sua mansão a margem do rio Anil, as Companhias construtoras da cidade, que crescia ( LOBO, 2005, p.43).

#### 4. CHARLES PIERRE BAUDELAIRE

Charles Pierre Baudelaire (1821-1867) nasceu em Paris, na Rua *Heutefeuille*, nº 13. Filho do segundo casamento de François Baudelaire e Caroline Archimnaut-Dufays, com menos de 6 anos de idade ficou órfão de pai, em 1827. No ano seguinte, sua mãe se casou com Jacques Aupik.

Em 1832, o padastro de Baudelaire foi promovido a tenente-coronel e transferido para a cidade de Lyon. Baudelaire, faz estudos no Colégio Real de Lyon, porém em 1836 retornou a Paris, pois seu padastro foi chamado para o cargo de junto ao Estado Maior, junta governamentista.

No que toca à esfera social, Baudelaire teve uma trajetória diferente de Sousândrade. Com uma vida regada a haxixe e orgias, o que o levou a gastar em menos de 6 meses metade da fortuna que herdou do pai, foi declarado, por iniciativa da própria mãe, incapaz pelo tribunal.

Com esse ato da justiça, foi obrigado a receber uma mesada estipulada pelo tabelião *Désiré Ancelle*. Em 1857, publicou vários poemas, ano considerado, como o mais importante de sua produção literária. Nesse ano lançou *Les Fleurs du Mal* - no mesmo ano de *Harpas de Ouro* de Sousândrade. Alguns poemas de Buadelaire foram

<sup>13</sup> *Conseil de familie* ou O conselho de família é uma reunião de parentes ou aliados, amigos ou vizinhos da família nomeada pelo Tribunal de Tutelar, desse modo o conselho de família é um dos órgãos de fiscalização da guarda. Ele decide sobre o pedido de desculpas do tutor e guardião substituto e declaram a sua demissão. No caso de Sousândrade a mulher tomou parte da sua fortuna.

violentamente atacados pelo jornal *Le Figaro*. Seu livro foi recolhido pouco dias após a publicação sob acusação de obscenidade. O autor foi condenado com uma multa de 300 francos, seu editor foi multado em 100 francos e, para piorar, seis poemas foram suprimidos da publicação<sup>14</sup>.

## 5. O FLÂNEUR E O FLÂNERIE NAS OBRAS DE SOUSÂNDRADE E BAUDELAIRE

Primeiramente, qual diferença entre *flâneur* e *flânerie*? Qual a relação existente entre essas duas figuras com o poeta Sousândrade? E porque Baudelaire utilizou ambas para explicar essa modernidade na Paris da segunda metade do século XIX.

Conceba-se o *flâneur* com o tipo arquétipo da sociedade capitalista que observa a rotina de sua sociedade com olhares de uma águia à procura de uma vítima. Para Walter Benjamim, o *flâneur* pode ser visto como um burguês ocioso<sup>15</sup>. Como o *flâneur* pode ser revisto como um *bon vivant* a *flânerie*<sup>16</sup> é encarada por Baudelaire como a vadiagem em que o *flâneur* se incorpora para poder viver suas andanças pela cidade, em suma é a sociedade que eles vivem.

Essa dualidade entre o *flâneur* e o *flânerie* vai se constituir como bússola para se entender a heterogeneidade das cidades de São Luís e de Paris, interligadas por seus regimes políticos: governos monárquicos. A imagem da *la flânerie* é a imagem-chave do universo baudelairiano.

[...] dominado pelo olhar e pela teatralidade. A cidade de Paris ensinou a Baudelaire uma secreta maneira de flunar e de pensar o século XIX. A cidade conduz o *flâneur* a um terreno desaparecido, o dos cenários em água-forte de Meyron. A cidade é, talvez, para o peregrino o mergulho dentre de si (SZKLO, 1995, p. 39).

Para se entender a magnitude da ideia do que era o *le flâneur* e da *la flânerie* é necessário a compreensão da sociedade burguesa. Na França, a formação da burguesia está relacionada tanto ao Mercantilismo como à Revolução Francesa (1789) que destronou a nobreza e instituiu a burguesia. Já no Brasil, se compreende o fenômeno histórico não por revoluções, mas por golpes de Estado e atos, como a abolição da Escravatura e a Proclamação da República.

Segundo SAES (1990), a relação entre esses três acontecimentos<sup>17</sup> na história do Brasil se constituíram como representação diferenciada de um único processo que seria a formação do Estado burguês no Brasil.

14 Lesbos, *As metamorfoses do vampiro*, etc. Importante destacar que o título original do livro era Lesbos, somente depois do ocorrido que o poeta muda para *As Flores do Mal*.

15 Cantinho (2003).

16 *La Flânerie* na tradução do francês para o português é literalmente a vadiagem.

17 Abolição da Escravatura, 1888, Proclamação da República, 1889 e a Assembléia Constituinte em 1890-1891.

No que concerne à Proclamação da República, nos primeiros anos ocorre uma prolongação dos desmandos na economia do país. O que leva Sousândrade a escrever *Harpas de Ouro* com a finalidade de refutar a forma como o governo provisório mantém o poder através da espada, criticando a ausência de cidadania no sentido largo do termo. Ou seja, se o cidadão não tem o direito de exercer sua cidadania plena, como pode exercer a democracia?

Nesse universo dual, a figura do *flâneur* se assemelha ao boêmio, figura discutida tanto como por Benjamin (1989) e por Baudelaire (2005), esse ser que muitas vezes é comparado exclusivamente como amante do álcool é na concepção dos dois como um investigador do ambiente em que vive, buscando pelas ruas e tavernas da cidade um entendimento do mundo que o cerca.

Ele vive intensamente, porém procura no prazer da noite seu consolo diário. A vivência com mundos diferentes do seu, acaba tornando o *flâneur*, não um mero espectador, e sim uma espécie de detetive a procura de um assassino. Este assassino é a própria novidade, que ora afasta e aproxima.

Baudelaire, na visão de Benjamin, era um *flâneur*, um homem que passeava sozinho pela cidade, observando-a como um espetáculo. As fantasias do ocioso, no século XIX, seriam basicamente três: a fantasia da onisciência do estudante, a fantasia da onipotência do jogador e a fantasia da onipresença do *flâneur*. O estudante nunca acha que aprendeu o bastante; o jogador jamais se convence de que ganhou o suficiente e para o *flâneur* há sempre algo que ainda não foi visto. (KONDER, 1999, p.97).

Segundo Benjamin (1989), o boêmio não pode ser comparado a um trapeiro<sup>18</sup>, mas, a um literato, até mesmo a um conspirador do Estado. O boêmio se encontra nesse ambiente, não simplesmente para se esvaziar na penumbra matinal do álcool, mas a intenção primeira é construir um protesto surdo contra a sociedade.

Esse protesto se configura em duas linhas: a primeira seria a atitude real, *práxis* ou no campo verbal, teoria; a segunda, para Baudelaire se tornou seu símbolo. Para o poeta maranhense, todavia, não bastava apenas profetizar uma modernidade, mas agir, para que acontecesse de fato, essa modernidade.

Para Sousândrade, essa novidade constituirá progresso no campo político, porém o que se apreceberá em sua análise da sociedade maranhense é um engesamento desse progresso industrial. Como o auotr viveu por sete anos nos Estados Unidos, ele incorporou no seu modo de pensar a modernidade aos moldes americanos, como advento da máquina, ou melhor, da industrialização. Porém, essa tão sonhada modernidade no campo econômico não ocorreu, e muito menos foi visto por Sousândrade, já que ele morreu em 1902.

<sup>18</sup> O trapeiro é a figura mais provocatória da miséria humana este se assemelha a um proletário do lixo num sentido duplo: vestido de trapos, ele ocupa-se de trapos. “Eis um homem encarregado de apanhar os destritos de um dia da capital. Tudo o que a grande cidade rejeitou tudo o que ela perdeu tudo o que ela desdenhou, ele cataloga, ele coleciona”.

Pensar o *flâneur* e o *flânerie* para o poeta maranhense é pensar em sua vida e obra, Joaquim de Sousaêndrade, filho de abastados de Guimarães, viveu por mais de 60 anos sem necessitar trabalhar. Pôde estudar Engenharia de Minas, Letras na Universidade de Sobornne, Medicina na faculdade do Rio de Janeiro, mas não chegando a se formar em nada. Viveu entre a Europa e a América do Norte.

## 6. A IMAGEM DE MODERNIDADE NA POÉTICA DE SOUSÂNDRADE: NO POEMA HARPAS DE OURO

Pensar a imagem de modernidade na poética de Sousaêndrade é refletir sobre a sociedade aristocrática e burguesa da segunda metade do século do século XIX. Sociedade esta que ainda tinha em voga<sup>19</sup> os preconceitos contra as mulheres, os negros e os homens brancos pobres. Como seria possível essa modernidade apologética em Sousaêndrade? E quais foram os caminhos percorridos pelo poeta nessa busca pela modernidade?

Sousaêndrade utilizou à práxis-orgânica, prática que se faz entre o discurso e ação, desse modo, para o poeta maranhense, ocorre uma relação dialética entre a poesia e a ação a que podemos referenciar, como ao mundo das ideias de Platão e a política como mundo real. Seu ideal de homem político<sup>20</sup> foi demarcado quando integrou a Junta provisória na capital do Maranhão<sup>21</sup>.

É portanto, um republicano convicto que trabalhou e lutou na aplicação de seus ideais. Segundo Williams e Moraes (1970, p.43), em *Harpas de Ouro, no canto 110*, no primeiro verso *Revolucionarios contrários* são dados no verso esse caráter reacionário da elite maranhense, em continuar com a manutenção dos desmandos políticos e econômicos. No *canto 111* aponta assim:

O escravo eu, d'escravos de Nero  
Diplomata eu... d'altivez<sup>22</sup>  
Das Fôrças-cantinhas, co'o ferro  
N'alma e no semblante uma vez  
Um homem livre... ora o fogueiro  
Da liberdade, bem me vês<sup>23</sup>

19 Tanto na sociedade como nos livros da época. Um exemplo é a autoria de obras literárias. As irmãs Brönte, Mary Shelly, a Itapecuruense Mariana Luz, Rachel de Queiroz e outras escreviam por pseudônimo para poderem publicar ou ser aceito seus trabalhos em revistas ou jornais das suas épocas.

20 Esse ideal de homem, foi apresentado no poema *Novo Éden*.

21 Williams; Moraes, 1970, p.14.

22 Por se tratar de texto histórico foi respeitada a grafia original de todos os poemas aqui citados.

23 Williams; Moraes, 1970, p.43.

Esse canto expressa a angústia de Sousândrade em relação à forma como o Governo se apoderou do poder, não com fins justificáveis, mas na intenção de manter as estruturas sociais reinantes.

No *canto 224* ocorrem duas refutações ao modo pelo qual se estabeleceu a prematura República brasileira, no verso *Armas que fiz a República* o poeta questiona que das armas não nasceu uma nova nação, mas do discurso e da espada. Para o poeta maranhense, a Revolução Francesa se constituiu símbolo do poder do povo para o governo.

As críticas feitas contra a República têm um objetivo: esclarecer o novo homem, cidadão político, que é necessário ter um olhar para as classes menos favorecidas. Esse olhar político e social em Sousândrade translada para os poemas em uma crítica a forma de modernidade adotada pelo Brasil, a modernidade tardia em que nos primeiros anos, não houve o incentivo à industrialização (de forma concreta), mas a permanência da estrutura fundiária. “[...] lembra-nos de que o processo de modernização nesses espaços sociais assumiu um caráter fantástico, nutrindo-se ‘não da realidade, mas de fanstasias, miragens e sonhos’” (PESSOA, 2009, p.50).

A sua decepção para com a primeira República ia, aos poucos, destruindo toda sua esperança de ver o Maranhão entre as grandes regiões do país e o próprio Brasil entre as potências do Ocidente, Inglaterra e França. A metamorfose ocorreu com a transição da Monarquia para a República, mas em relação à economia o Maranhão continuava agrário e preso ao mundo agrário exportador.

Dessa forma, a modernidade no ponto de vista do poeta deveria ser a industrial que no contexto do século dezenove na Europa era sinônimo de progresso cultural, social e econômico, porém existia todo um conjunto de fatores<sup>24</sup> que tornavam esse sonho<sup>25</sup> de Sousândrade inviável. Esses fatores fizeram com que a modernidade na cidade de São Luís, fosse diferente daquele vislumbrado pelo poeta francês, Charles Baudelaire.

## 7. A IMAGEM DE MODERNIDADE NA POÉTICA DE BAUDELAIRE

Em um capítulo de *Paris do segundo império* (1989), Benjamin considera que a França da segunda metade do século XIX enlaçava o cinismo da alta burguesia e o discurso rebelde dos grupos de baixo. Nessa tensão entre o antigo e o novo emerge a figura de Lúcifer, ou anjo rebelde. Em Baudelaire, esse ser exilado e castigado por um deus vingador e soberano será a fonte de inspiração para uma massa desejosa de poder<sup>26</sup>.

Esse devir luciferiano em Baudelaire se constitui uma antípoda do bem, não é de se estranhar que o título do seu livro seja *Les Fleurs du Mal* pois as flores sim-

24 Estes fatores são históricos, econômicos e políticos.

25 No período que foi presidente da Intendência Municipal (1890-1891) da cidade de São Luís/ MA buscou apoio junto ao Governo Central para implantar na capital ludovicense, escolas, mistas; para os negros e implantar a primeira Universidade no Brasil, mas ninguém lhe respondeu.

26 Benjamin, 1989, p.21.

bolizam o bem, o verdadeiro, o puro, todavia o “Mal” simboliza na poética de baudelariana uma rebeldia ao conceito de verdade absoluta, pois o bem pode ser o mal e o mal pode ser o bem. No poema<sup>27</sup> “As litanias de Satã” situado no canto *Revolta* que oferece uma relação mitológica com o mundo real, ou o mundo representativo de um real. Nesse poema temos uma adoração à figura luciferiana e uma defesa à liberdade de expressão;

Ó tu, o Anjo mais belo e o mais sábio Senhor  
Deus que a sorte traiu e privou do louvor  
Tem piedade, Satã, desta longa miséria!  
Tu, que és o condenado, ó Príncipe do Exílio  
E que, vencido, sempre emerges com mais brilho,  
Tem piedade, Satã, desta longa miséria!  
Tu, sábio e grande rei do abismo mais profundo,  
Médico familiar dos mares deste mundo,  
Tem piedade, Satã, desta longa miséria!<sup>28</sup>

A concepção de história presente, no livro *Les Fleurs du Mal* está relacionada a uma perspectiva de tempo que se situa entre a verdade e a mentira, a culpa e a dependência, entre o bem e o mal, ou melhor, entre Deus e o Diabo. Esse estado momentâneo do “Mal” que predomina esse ambiente turvo em que Satã lança duas promessas que se manifestam em seus eternos heterônimos que são as do tirano, ou a do herói exilado.

Em *Les Fleurs du Mal* o autor traça uma relação do ambiente burguês com a falsa ideia de democracia reinante, em que se projetam nos meios de comunicação, moda e literária. Nessa perspectiva, a liberdade dos meios culturais não passa de ilusão. Porém, nessa conjuntura Baudelaire é afetado por essas promessas, e principalmente a sua autoconsciência de ser um provável alienado frente a Satã<sup>29</sup>. Sua miséria ou inconsciência frente ao Mal resulta em uma impotência de lograr ou ser laureado em sua batalha entre a razão e a desrazão “Tu, cujo conhecer os fundos arsenais/  
Em que dorme sepulto o povo dos metais,/tem piedade, Satã, desta longa miséria!” (BAUDELAIRE, 2007, p.145).

Para Benjamin<sup>30</sup> a imagem vendida de Baudelaire era sua principal crítica aos moldes da época, consta que Baudelaire pintava os cabelos de cores bizarras para provocar e chocar a sociedade e assim perceberem o estranho como novo. Segundo Benjamin, (1989) o herói é o verdadeiro objeto da modernidade, pois para sê-lo é

27 Baudelaire (1964).

28 Baudelaire, 2007, p.144.

29 Chauí, 2007, p.73.

30 D'Angelo (2006).

preciso viver essa atmosfera de tensão e medo, em que a razão se perde na desrazão, o familiar se torna exótico e o exótico torna-se familiar. Nesse fluir de ambientes, Baudelaire apresenta ao leitor este herói em uma aparência moderna.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial da pesquisa foi analisar a imagem de modernidade na poética dos dois poetas. Nesse sentido, analisamos no conjunto desse estudo questões a respeito das obras poéticas e da relação entre Sousândrade e Baudelaire.

Tratamos a modernidade econômica no Maranhão da segunda metade do século XIX e as mudanças da Paris na segunda metade do século XIX. Levantamos no decorrer do texto as diferenças entre a modernidade sonhada por Sousândrade e a vivida por Baudelaire.

Outro ponto pertinente foi à questão da análise histórico literária nas obras dos dois poetas.

Por fim, para pontuar toda essa grama de informações a respeito dessa ambivalência entre a modernidade na poética de Sousândrade e na poética de Baudelaire, temos o baluarte a uma vida moderna, com seus arranjos e desarranjos que culminam em uma modernidade que se processa em uma longa duração, ou seja, a modernidade sonhada por Sousândrade estava percorrendo um caminho tardio, enquanto a do poeta francês caminhava acelerado, todavia a modernidade em ambos encontra um denominador comum, a vontade de romper com o passado, visto por ambos como arcaico.

## REFERÊNCIAS

ALCANTARA JR, José.; SELBACH, Jeferson Francisco. (Org). **Mobilidade Urbana em São Luís**. São Luís/MA: EDUFMA, 2009.

ARISTOTÉLES. **A Política**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **As Flores do Mal**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

\_\_\_\_\_. **As Flores do Mal**. São Paulo: Difusão Europeia, 1964.

\_\_\_\_\_. **Las Flores do Mal**. Madrid: Planeta, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENJAMIM, Walter. Charles Baudelaire: **Um lírico no auge do capitalismo**. Tradução de José Martins Barbosa, Hermerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANTINHO, Maria João. Modernidade e Alegoria em Walter Benjamin. **Revista de Estudos Literários**. N.24, Espéculo (UCM), 2003.

CHAUI, Marilena de. **Cultura e Democracia**: o discurso competente e outras falas. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CASTRO, Lúcia. **Que ilha Bela!**: São Luís, o tempo reconstrói a tua História. São Luís: Ed.360º, 2013.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

D'ANGELO, Matha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. São Paulo: **Revista de Estudos Avançados**, v.20, n.56, jan./abr.,2006.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin**: o marxismo da melancolia. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A Fundação Francesa de São Luís e seus mitos**. São Luís: Editora UEMA, 2008.

LOBO, Luiza Leite Bruno. **Épica e Modernidade em Sousândrade**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do; MONTE, Regiannt Lima (Org.) **Cidade e Memória**. Teresina- PI: EDUFPI, 2009.

PESSOA, Jordania Maria. **Entre a Tradição e a Modernidade**: A belle époque Caxiense práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX. Imperatriz: Ética,2009.

SAES, Décio. **A Formação do Estado Burguês no Brasil (1888-1891)**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra. 1990.

SKLO, Gilda Salem. **As Flores do Mal nos Jardins de Itabira**: Baudelaire e Drummond. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

WILLIAMS, Frederick; MORAES, Jomar. **Poesia e Prosa reunida de Sousândrade**. São Luís: Edição AML, 2003.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Poesia e Prosa de Sousândrade**. São Luís: Edição AML, 2003.